

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE I CAPÍTULO XXI – OS DESERTORES

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Os Desertores	Obras Póstumas	03
Obras Póstumas	O Consolador	08
Obras Póstumas	O Consolador	10

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXI)

Parte I

Capítulo XXI – Os desertores

I – Os desertores

Se é certo que todas as grandes idéias contam apóstolos fervorosos e dedicados, não menos certo é que mesmo as melhores dentre elas têm seus desertores. O Espiritismo não podia escapar aos efeitos da fraqueza humana. Ele também teve os seus e a esse respeito não serão inúteis algumas observações.

Nos primeiros tempos, muitos se equivocaram sobre a natureza e os fins do Espiritismo e não lhe perceberam o alcance. Antes de tudo mais, excitou a curiosidade; muitos eram os que não viam nas manifestações espíritas mais do que simples objeto de diversão; divertiram-se com os Espíritos, enquanto estes quiseram diverti-los. Constituíam um passatempo, muitas vezes complementar das reuniões familiares.

Esta maneira por que a princípio a coisa se apresentou foi uma tática hábil dos Espíritos. Sob a forma de divertimento, a idéia penetrou por toda parte e semeou germens, sem espavorir as consciências timoratas. Brincaram com a criança, mas a criança tinha de crescer.

Quando aos Espíritos facetos sucederam os Espíritos sérios, moralizadores; quando o Espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais deixaram de achá-lo divertido; para os que se preocupam sobretudo com a vida material, era um censor importuno e embaraçoso, pelo que não poucos o puseram de lado.

Não há que deplorar a existência desses desertores, porquanto as criaturas frívolas não passam de pobres auxiliares, seja no que for. Todavia, essa primeira fase não se pode considerar tempo perdido. Graças àquele disfarce, a idéia se popularizou cem vezes mais do que se houvera, desde o primeiro momento, revestido severa forma, e daqueles meios levianos e displicentes saíram graves pensadores.

Postos em moda pelo atrativo da curiosidade, constituindo um engodo, os fenômenos tentaram a cupidez dos que andam à cata do que surge como novidade, na esperança de encontrar aí uma porta aberta. As manifestações pareceram coisa maravilhosamente explorável e não faltou quem pensasse em fazer delas um auxiliar de seus negócios; para outros, eram uma variante da arte da adivinhação, um processo, talvez mais seguro do que a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, etc., etc., para se conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, uma vez que, segundo a opinião então corrente, os Espíritos tudo sabiam.

Vendo, afinal, essas pessoas que a especulação lhes escapava dentre os dedos e dava em mistificação, que os Espíritos não vinham ajudá-las a enriquecer, nem lhes indicar números que seriam premiados nas loterias, ou revelar-lhes a boa sorte, ou levá-las a descobrir tesouros, ou a receber heranças, nem ainda facultar-lhes uma invenção frutuosa de que tirassem patente, supri-lhes em suma a ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos para nada serviam e suas manifestações não passavam de ilusões.

Tanto essas pessoas deferiram louvores ao Espiritismo, durante todo o tempo em que esperaram auferir dele algum proveito, quanto o denegriram desde que chegou a decepção. Mais de um dos críticos que o vituperam tê-lo-iam elevado às nuvens, se ele houvesse feito que descobrissem um tio rico na América, ou que ganhassem na Bolsa. Das categorias dos desertores, é essa a mais numerosa; mas, compreende-se que os que a formam não podem ser qualificados de espíritas.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXI)

Também essa fase apresentou sua utilidade. Mostrando o que não se devia esperar do concurso dos Espíritos, ela deu a conhecer o objetivo sério do Espiritismo e depurou a doutrina. Sabem os Espíritos que as lições da experiência são as mais proveitosas; se, logo de começo, eles dissessem: Não peçais isto ou aquilo, porque nada conseguireis, ninguém mais lhes daria crédito. Essa a razão por que deixaram que as coisas tomassem o rumo que tomaram: foi para que da observação ressaltasse a verdade. As decepções desanimaram os exploradores e contribuíram para que o número deles diminuísse. Eram parasitos de que elas, as decepções, livraram o Espiritismo, e não adeptos sinceros.

Alguns indivíduos, mais perspicazes do que outros, entreviram o homem na criança que acabava de nascer e temeram-na, como Herodes temeu o menino Jesus. Não se atrevendo a atacar de frente o Espiritismo, esses indivíduos incitaram agentes com o encargo de o abraçarem para asfixiá-lo; agentes que se mascaram para em toda parte se intrometerem, para suscitem habilmente a desafeição nos centros e espalhem, dentro destes, com furtiva mão, o veneno da calúnia, acendendo, ao mesmo tempo, o facho da discórdia, inspirando atos comprometedores, tentando desencaminhar a doutrina, a fim de torná-la ridícula ou odiosa e simular em seguida defecções.

Outros ainda são mais habilidosos: pregando a união, semeiam a separação; destramente levantam questões irritantes e ferinas; despertam o ciúme da preponderância entre os diferentes grupos; deleitar-se-iam, vendo-os apedrejar-se e erguer bandeira contra bandeira, a propósito de algumas divergências de opiniões sobre certas questões de forma ou de fundo, as mais das vezes provocadas intencionalmente. Todas as doutrinas têm tido seus Judas; o Espiritismo não poderia deixar de ter os seus e eles ainda não lhe faltaram.

Esses são espíritas de contrabando, mas que também foram de alguma utilidade: ensinaram ao verdadeiro espírita a ser prudente, circunspecto e a não se fiar nas aparências.

Por princípio, deve-se desconfiar dos entusiasmos demasiado febris: são quase sempre fogo de palha, ou simulacros, ardores ocasionais, que suprem com a abundância de palavras a falta de atos.

A verdadeira convicção é calma, refletida, motivada; revela-se, como a verdadeira coragem, pelos fatos, isto é, pela firmeza, pela perseverança e, sobretudo, pela abnegação. O desinteresse moral e material é a legítima pedra de toque da sinceridade.

Tem esta, um cunho sui generis; exterioriza-se por matizes muitas vezes mais fáceis de ser compreendidos do que definidos; é sentida por efeito dessa transmissão do pensamento, cuja lei o Espiritismo regulou, sem que a falsidade chegue nunca a simulá-la completamente, visto não lhe ser possível mudar a natureza das correntes fluídicas que projeta de si.

Ela, a sinceridade, considera erro dar troco à baixa e servil lisonja, que somente seduz as almas orgulhosas, lisonja por meio da qual precisamente a falsidade se trai para com as almas elevadas. Jamais pode o gelo imitar o calor.

Se passarmos à categoria dos espíritas propriamente ditos, ainda aí depararemos com certas fraquezas humanas, das quais a doutrina não triunfa imediatamente. As mais difíceis de vencer-se são o egoísmo e o orgulho, as duas paixões originárias do homem.

Entre os adeptos convictos, não há deserções, na lídima acepção do termo, visto como aquele que desertasse, por motivo de interesse ou qualquer outro, nunca teria sido sinceramente espírita; pode, entretanto, haver desfalecimentos. Pode dar-se que a coragem e a perseverança fraqueiem diante de uma decepção, de uma ambição frustrada, de uma preeminência não alcançada, de uma ferida no amor-próprio, de uma prova difícil. Há o recuo ante o sacrifício do bem-estar, ante o receio de comprometer os interesses materiais, ante o medo do “que dirão?”; há o ser-se abatido por uma mistificação, tendo como conseqüência, não o afastamento, mas o esfriamento; há o

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXI)

querer viver para si e não para os outros, o beneficiar-se da crença, mas sob a condição de que isso nada custe.

Sem dúvida, podem os que assim procedem ser crentes, mas, sem contestação, crentes egoístas, nos quais a fé não ateou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação; às suas almas custa o desprenderem-se da matéria. Fazem nominalmente número, porém não há contar com eles.

Todos os outros são espíritas que em verdade merecem esse qualificativo. Aceitam por si mesmos todas as consequências da doutrina e são reconhecíveis pelos esforços que empregam por melhorar-se. Sem desprezarem, além dos limites do razoável, os interesses materiais, estes são, para eles, o acessório e não o principal; não consideram a vida terrena senão como travessia mais ou menos penosa; estão certos de que do emprego útil ou inútil que lhes derem depende o futuro; têm por mesquinhos os gozos que ela proporciona, em face do objetivo esplêndido que entrevem no além; não se intimidam com os obstáculos com que topem no caminho; vêem nas vicissitudes e decepções provas que não lhes causam desânimo, porque sabem que o repouso será o prêmio do trabalho. Daí vem que não se verificam entre eles deserções, nem falências.

Por isso mesmo, os bons Espíritos protegem manifestamente os que lutam com coragem e perseverança, aqueles cujo devotamento é sincero e sem idéias preconcebidas; ajudam-nos a vencer os obstáculos e suavizam as provas que não possam evitar-lhes, ao passo que, não menos manifestamente, abandonam os que se afastam deles e sacrificam a causa da verdade às suas ambições, pessoais.

Deveremos incluir também entre os desertores do Espiritismo os que se retiram porque a nossa maneira de ver não lhes satisfaz; os que, por acharem muito lento ou muito rápido o nosso método, pretendem alcançar mais depressa e em melhores condições a meta a que visamos? Certamente que não, se têm por guia a sinceridade e o desejo de propagar a verdade. — Sim, se seus esforços tendem unicamente a se porém eles em evidência e a chamar sobre si a atenção pública, para satisfação do amor-próprio e de interesses pessoais!

Tendes um modo de ver diferente do nosso, não simpatizais com os princípios que admitimos! Nada prova que estais mais próximos da verdade do que nós. Pode-se divergir de opinião em matéria de ciência; investigai do vosso lado, como nós investigamos do nosso; o futuro dará a ver qual de nós está em erro ou com a razão.

Não pretendemos ser os únicos a reunir as condições fora das quais não são possíveis estudos sérios e úteis; o que temos feito podem outros, sem dúvida, fazer. Que os homens inteligentes se agreguem a nós, ou se congreguem longe de nós, pouco importa! Se os centros de estudos se multiplicarem, tanto melhor; será um sinal de incontestável progresso, que aplaudiremos com todas as nossas forças.

Quanto às rivalidades, às tentativas que façam por nos suplantarem, temos um meio infalível de não as temer. Trabalhamos para compreender, por enriquecer a nossa inteligência e o nosso coração; lutamos com os outros, mas lutamos com caridade e abnegação. O amor do próximo inscrito em nosso estandarte é a nossa divisa; a pesquisa da verdade, venha donde vier, o nosso único objetivo.

Com tais sentimentos, enfrentamos a zombaria dos nossos adversários e as tentativas dos nossos competidores. Se nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio que nos leve a obstinar-nos em idéias falsas; há, porém, princípios acerca dos quais podemos todos estar seguros de nos não enganarmos nunca: o amor do bem, a abnegação, a proscricção de todo sentimento de inveja e de ciúme. Estes princípios são os nossos; vemos neles os laços que prenderão todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo e a má-fé erguem entre eles barreiras intransponíveis.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXI)

Mas, qual será a consequência de semelhante estado de coisas? Indubitavelmente, o proceder dos falsos irmãos poderá de momento acarretar algumas perturbações parciais, pelo que todos os esforços devem ser empregados para levá-los ao malogro, tanto quanto possível; essas perturbações, porém, pouco tempo necessariamente durarão e não poderão ser prejudiciais ao futuro: primeiro, porque são simples manobras de oposição, fadadas a cair pela força mesma das coisas; depois, digam o que disserem, ou façam o que fizerem, ninguém seria capaz de privar a doutrina do seu caráter distintivo, da sua filosofia racional e lógica, da sua moral consoladora e regeneradora. Hoje, estão lançadas de forma inabalável as bases do Espiritismo; os livros escritos sem equívoco e postos ao alcance de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e exata do ensino dos Espíritos e o transmitirão intacto aos que nos sucederem.

Insta não perder de vista que estamos num momento de transição e que nenhuma transição se opera sem conflito. Ninguém, pois, deve espantar-se de que certas paixões se agitem, por efeito de ambições malogradas, de interesses feridos, de pretensões frustradas. Pouco a pouco, porém, tudo isso se extingue, a febre se abranda, os homens passam e as novas idéias permanecem. Espíritos, se quereis ser invencíveis, sede benévolos e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual sempre se quebrarão as manobras da malevolência!

Nada, pois, temamos: o futuro nos pertence. Deixemos que os nossos adversários se debatam, apertados pela verdade que os ofusca; qualquer oposição é impotente contra a evidência, que inevitavelmente triunfa pela força mesma das coisas. É uma questão de tempo a vulgarização universal do Espiritismo e neste século o tempo marcha a passo de gigante, sob a impulsão do progresso.

Allan Kardec

NOTA — Como complemento deste artigo, publicamos uma instrução que sobre o mesmo assunto Allan Kardec deu, logo que voltou ao mundo dos Espíritos. Pareceu-nos interessante, para os nossos leitores, juntar às páginas eloquentes e viris que se acabam de ler a opinião atual do organizador por excelência da nossa filosofia.

*

“Quando eu me achava corporalmente entre vós, disse muitas vezes que havia de fazer aí uma história do Espiritismo, que não seria destituída de interesse. É este, ainda agora, o meu parecer e os elementos que eu reunira para esse fim poderão servir um dia à realização da minha idéia.

É que eu, com efeito, me encontrava mais bem colocado do que qualquer outro para apreciar o curioso espetáculo que a descoberta e a vulgarização de uma grande verdade provocara. Pressentia outrora, hoje sei, que ordem maravilhosa e que harmonia inconcebível presidem à concentração de todos os documentos destinados a dar nascimento à nova obra.

A benevolência, a boa vontade, o devotamento absoluto de uns; a má-fé, a hipocrisia, as maldosas manobras de outros, tudo concorre para garantir a estabilidade do edifício que se eleva. Nas mãos das potestades superiores, que presidem a todos os progressos, as resistências inconscientes ou simuladas, os ataques visando semear o descrédito e o ridículo, se tornam elementos de elaboração.

Que não têm feito! Que é o que não têm posto em ação para asfixiar no berço a criança! A princípio o charlatanismo e a superstição quiseram, ora um, ora outra, apoderar-se dos nossos princípios, a fim de os explorarem em proveito próprio; todos os raios da imprensa se projetaram contra nós; chasquearam das coisas mais respeitáveis; atribuíram aos Espíritos do mal os ensinamentos dos Espíritos mais dignos da admiração e da veneração universal; entretanto, todos esses

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXI)

esforços conjugados mais não conseguiram, senão proclamar a impotência dos nossos adversários.

É dentro dessa luta incessante contra os preconceitos firmados, contra erros acreditados, que se aprende a conhecer os homens. Eu sabia, ao consagrar-me à obra da minha predileção, que me expunha ao ódio, à inveja e ao ciúme dos outros. O caminho se achava inçado de dificuldades que de contínuo se renovavam. Nada podendo contra a doutrina, atiravam-se ao homem; mas, por esse lado, eu me sentia forte, porque renunciara à minha personalidade.

Que me importavam os esforços da calúnia; a minha consciência e a grandeza do objetivo me faziam esquecer de boa vontade as urzes e os espinhos da estrada. Os testemunhos de simpatia e de estima, que recebi dos que me souberam apreciar, constituíram a mais estimável recompensa que eu jamais ambicionara.

Mas, ah! Quantas vezes teria sucumbido ao peso da minha tarefa, se a afeição e o reconhecimento de muitos não me houvessem feito olvidar a ingratidão e a injustiça de alguns, porquanto, se os ataques contra mim dirigidos sempre me encontraram insensível, penosamente magoado me sentia, devo dizê-lo, todas as vezes que descobria falsos amigos entre aqueles com quem mais contava.

Se é justo censurar os que não tentado explorar o Espiritismo ou desnaturá-lo em seus escritos, sem o terem previamente estudado, quão mais culpados não são os que, depois de lhe haverem assimilado todos os princípios, não contentes de se lhe apartarem do seio, contra ele voltaram todos os seus esforços! É, sobretudo, para os desertores dessa categoria que devemos implorar a misericórdia divina, pois que apagaram voluntariamente o facho que os iluminava e com o qual podiam esclarecer os outros. Eles, por isso, logo perdem a proteção dos bons Espíritos e, conforme a triste experiência que temos feito, bem depressa chegam, de queda em queda, às mais críticas situações!

Desde que voltei para o mundo dos Espíritos, tornei a ver alguns desses infelizes! Arrependem-se agora; lamentam a inação em que ficaram e a má vontade de que deram prova, sem lograrem, todavia, recuperar o tempo perdido! Tornarão em breve à Terra, com o firme propósito de com correrem ativamente para o progresso e se verão ainda em luta com as tendências antigas, até que definitivamente triunfem.

Fora de crer que os espíritas de hoje, esclarecidos por esses exemplos, evitariam cair nos mesmos erros. Assim, porém, não é. Ainda por longo tempo haverá irmãos falsos e amigos desassisados; mas, tal como seus irmãos mais velhos, não conseguirão fazer que o Espiritismo saia da sua diretriz. Embora causem algumas perturbações momentâneas e puramente locais, nem por isso a doutrina periclitará. Ao contrário, os espíritas transviados bem depressa reconhecerão o erro em que incidiram e virão colaborar com maior ardor na obra por um instante abandonada e, atuando de acordo com os Espíritos superiores que dirigem as transformações humanitárias, caminharão a passo rápido para os ditosos tempos prometidos à Humanidade regenerada.

Allan Kardec

Paris, novembro de 1869.”

143. Há desertores também no Espiritismo?

Se todas as grandes ideias têm seus apóstolos fervorosos e devotados, mesmo as melhores têm os seus desertores. O Espiritismo não podia escapar às consequências da fraqueza humana; teve os seus, e a esse respeito algumas notas não serão inúteis. No início, muitos menosprezaram a natureza e o objetivo do Espiritismo, e não lhe entreviram a importância. No começo, excitou a curiosidade; muitos não viram, nas manifestações, senão um assunto de distração; divertiram-se com os Espíritos, enquanto estes quiseram diverti-los; era um passatempo, frequentemente, um acessório da noite. Essa maneira de apresentar a coisa era no início um jeito tático da parte dos Espíritos; sob a forma de divertimento, a ideia penetrou por toda a parte e semeou germes sem assustar as consciências timoratas; jogou-se com a criança, mas a criança deveria crescer. Quando, aos Espíritos engraçados, sucederam os Espíritos sérios, moralizadores, quando o Espiritismo se tornou ciência e filosofia, as pessoas superficiais não o acharam mais divertido. Para aqueles que estimam, antes de tudo, a vida material, era ele um censor inoportuno e incômodo, que mais de um pôs de lado.

Não há, pois, a lamentar nesses desertores, porque as pessoas frívolas são, por toda parte, pobres auxiliares. Entretanto, essa primeira fase não foi tempo perdido, bem longe disso. Graças a esse disfarce, a ideia foi cem vezes mais popularizada do que se tivesse revestido, desde a origem, uma forma severa; mas, desses meios levianos e negligentes, saíram pensadores sérios. (Obras Póstumas – Os desertores.)

144. Houve deserções motivadas por decepções?

Sim. Os fenômenos, colocados em moda pelo atrativo da curiosidade, tornados uma admiração, tentaram a cupidez de pessoas à espreita do que é novo, na esperança de aí encontrar uma porta aberta. As manifestações pareciam uma matéria maravilhosamente explorável, e mais de um sonhou em dela fazer um auxiliar de sua indústria; outros viram nela uma variante da arte de adivinhação, talvez um meio mais seguro do que a cartomancia para conhecer o futuro e descobrir as coisas ocultas, porque, segundo a opinião de então, os Espíritos deveriam tudo saber.

Desde que essas pessoas viram que a especulação escapava de suas mãos e voltava à mistificação, e os Espíritos não vinham ajudá-las a fazer fortuna, dar-lhes bons números para a loteria, fazer-lhes descobrir tesouros ou recolher heranças, dar-lhes uma boa invenção frutífera e patenteável, suprir sua ignorância e dispensá-los do trabalho material e intelectual, os Espíritos não foram mais considerados bons para nada, e suas manifestações tidas à conta de ilusões.

Tanto enalteceram o Espiritismo enquanto tiveram a esperança de dele tirar um proveito qualquer, como o denegriram quando lhes veio o desapontamento. Mais de um crítico que o ridicularizou o teria levado às nuvens se lhe houvesse feito descobrir um tio na América, ou ganhar na Bolsa. Esta constitui, sim, a mais numerosa categoria de desertores, mas se concebe que não se pode, conscientemente, qualificá-los de espíritas. Foram apenas parasitas que se retiraram do Espiritismo, e não adeptos sinceros.

(Obras Póstumas – Os desertores.)

145. Esses problemas que o Espiritismo teve de enfrentar tiveram algo de proveitoso?

Sim. Todas as doutrinas têm o seu Judas; o Espiritismo não poderia deixar de ter os seus. São os espíritas de contrabando, que tiveram, porém, sua utilidade: ensinaram o verdadeiro espírita a ser prudente, circunspecto, e a não se fiar nas aparências, porque, em princípio, é necessário desconfiar dos ardores muito fervorosos que, quase sempre, são fogos de palha, ou simulacros, entusiasmos de circunstâncias que suprem os atos pela abundância de palavras.

A verdadeira convicção é calma e refletida; ela se revela, como a verdadeira coragem, pelos fatos, quer dizer, pela firmeza, pela perseverança e sobretudo pela abnegação. O desinteresse moral e

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXI)

material é a verdadeira pedra de toque da sinceridade. A sinceridade tem uma marca sui generis; reflete-se por nuances frequentemente mais fáceis de compreender do que de definir; é sentida por esse efeito da transmissão do pensamento, da qual o Espiritismo veio nos revelar a lei, e que a falsidade não consegue jamais simular completamente, tendo em vista que ela não pode mudar a natureza das correntes fluídicas que projeta, da mesma forma que jamais o gelo pôde imitar o calor.

(Obras Póstumas – Os desertores.)

146. Ocorrem deserções entre os adeptos convictos?

Não. Entre os adeptos convencidos não há deserções na verdadeira acepção da palavra, porque aquele que deserta por um motivo de interesse, ou qualquer outro, jamais foi espírita sincero. Pode, contudo, haver aí desfalecimentos. A coragem e a perseverança podem dobrar-se diante de uma decepção, uma ambição desiludida, uma superioridade não obtida, um amor-próprio ferido, uma prova difícil. Recua-se diante do sacrifício do bem-estar, do temor de comprometer interesses materiais, do medo do que disso se dirá; sente-se desconcertado por uma mistificação. A pessoa não renuncia, mas se esfria; vive para si e não para os outros; quer beneficiar-se da crença, mas com a condição de que isso não lhe custe nada.

Certamente, aqueles que assim agem podem ser crentes, mas crentes egoístas, nos quais a fé não colocou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação. Sua alma tem dificuldade para se libertar da matéria. Fazem número nominalmente, mas não se pode contar com eles.

Os outros são espíritas que merecem verdadeiramente este nome, porque aceitam, por si mesmos, todas as consequências da doutrina e são reconhecidos pelos esforços que fazem para se melhorarem. Sem negligenciarem os interesses materiais, estes são, para eles, o acessório e não o principal; a vida terrestre não lhes é senão uma travessia mais ou menos penosa; de seu emprego útil ou inútil depende seu futuro; suas alegrias são mesquinhas perto do objetivo esplêndido que entreveem mais além; não se desgostam nunca com os obstáculos que encontram no caminho; as vicissitudes e as decepções são provas diante das quais não se desencorajam nunca. Por isso é que não se veem, entre eles, nem deserções nem desfalecimentos.

(Obras Póstumas – Os desertores.)

Estudo das obras de Allan Kardec.

477 – 07/08/2016

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

Obras Póstumas (23)

I – Os desertores

147. Os bons Espíritos protegem os que lutam com coragem e perseverança?

Sim. Eles amparam visivelmente os que trabalham com perseverança e cujo devotamento é sincero e sem dissimulação; ajudam-nos a triunfar sobre os obstáculos e aliviam as provas que não podem evitar, ao passo que abandonam, não menos visivelmente, aqueles que os abandonam e sacrificam a causa da verdade à sua ambição, pessoal.

(Obras Póstumas – Os desertores.)

148. Podemos chamar de desertores do Espiritismo aqueles que se retiram porque nossa maneira de ver não os satisfaz?

Sim e não. Não, certamente, se a sinceridade e o desejo de propagar a verdade são seus verdadeiros guias.

Sim, se seus esforços tendem unicamente a se porém em evidência e captar a atenção pública para satisfazer ao seu amor-próprio e ao seu interesse pessoal.

(Obras Póstumas – Os desertores.)

149. Que mensagem a respeito desse tema foi-nos transmitida por Kardec Espírito após sua desencarnação?

Em novembro de 1869, em reunião realizada em Paris, o Espírito do Codificador falou sobre o tema deserção. Na parte final de sua mensagem, ele assevera:

“Se é justo lançar uma censura sobre aqueles que tentaram explorar o Espiritismo, ou desnaturá-lo em seus escritos, sem dele fazer um estudo preliminar, quanto são culpados aqueles que, depois de assimilar-lhe todos os princípios, não contentes em se retirarem à parte, voltaram os seus esforços contra ele! É sobretudo sobre os desertores dessa categoria que é preciso chamar a misericórdia divina, porque voluntariamente extinguiram a chama que lhes esclarecia, com a ajuda da qual poderiam esclarecer os outros. Não tardaram a perder a proteção dos bons Espíritos, e, nos fazendo a triste experiência, se viram logo caídos, de queda em queda, nas situações mais críticas!

Depois de meu retorno ao mundo dos Espíritos, revi um certo número desses infelizes! Arrependem-se agora; lamentam a sua inação e a sua má vontade, mas não podem reparar o tempo perdido!... Cedo retornarão sobre a Terra, com a firme resolução de concorrerem ativamente para o progresso, e estarão ainda em luta com as suas antigas tendências, até que hajam triunfado definitivamente.

Poder-se-ia crer que os espíritas de hoje, esclarecidos por esses exemplos, evitarão cair nos mesmos erros. Isto não é assim. Por muito tempo ainda, haverá falsos irmãos e amigos desajeitados; mas não mais do que seus mais velhos, não triunfarão em fazer o Espiritismo sair de seu caminho. Se causam algumas perturbações momentâneas e puramente locais, a Doutrina não periclita por isso; cedo, ao contrário, os espíritas extraviados reconhecerão os seus erros; virão concorrer, com um novo ardor, à obra um instante menosprezada, e, agindo de acordo com os Espíritos superiores que dirigem as transformações humanitárias, avançarão, a passos rápidos, para os tempos felizes prometidos à Humanidade regenerada.”

(Obras Póstumas – Os desertores.)

150. Como encarar as críticas que são feitas ao Espiritismo?

O direito de exame e de crítica é um direito imprescritível, ao qual o Espiritismo não tem a pretensão de se subtrair, como não tem a de satisfazer todo o mundo. Cada um, pois, está livre para aprová-lo ou rejeitá-lo; mas seria necessário discuti-lo com conhecimento de causa. Ora, a crítica não tem senão, muito frequentemente, provado sua ignorância de seus princípios mais elementares, fazendo-lhe dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe o que nega,

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo XXI)

confundindo-o com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, dando, enfim, como a regra de todos, as excentricidades de alguns indivíduos.

O Espiritismo não é, porém, mais solidário com aqueles que se comprazem em dizer-se espíritos do que a medicina não o é com os charlatães que a exploram, nem a sã religião com os abusos ou mesmo crimes cometidos em seu nome. Ele não reconhece por seus adeptos senão aqueles que colocam em prática os seus ensinamentos, quer dizer, que trabalham para o seu próprio adiantamento moral, esforçando-se por vencer suas más inclinações, por serem menos egoístas e menos orgulhosos, mais dóceis, mais humildes, mais pacientes, mais benevolentes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em todas as coisas, porque são estes os sinais característicos do verdadeiro espírito.

(Obras Póstumas – Curta resposta aos detratores do Espiritismo.)

151. Qual é o objeto do Espiritismo?

O elemento espiritual e o elemento material são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza que se completam uma pela outra e reagem incessantemente uma sobre a outra, indispensáveis ambas ao funcionamento do mecanismo do Universo. Da ação recíproca desses dois princípios nascem fenômenos que isoladamente é difícil explicar. A ciência propriamente dita tem por missão especial o estudo das leis da matéria. O Espiritismo tem por objeto o estudo do elemento espiritual em suas relações com o elemento material, e encontra, na união desses dois princípios, a razão de uma multidão de fatos até então inexplicados.

O Espiritismo caminha, pois, de acordo com a ciência no terreno da matéria: admite todas as verdades que ela admite; mas onde se detêm as investigações desta ele prossegue as suas no terreno da espiritualidade.

Sendo o elemento espiritual um estado ativo da Natureza, os fenômenos que se ligam a ele estão submetidos a leis, e, por isso mesmo, são tão naturais quanto aqueles que têm sua fonte na matéria neutra.

(Obras Póstumas – Curta resposta aos detratores do Espiritismo.)